



NOTA DE ALERTA

Em nota oficial, no último dia 04 de fevereiro, a Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM), a Sociedade Brasileira de Diabetes (SBD) e a Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e Síndrome Metabólica (ABESO) **“alertam os profissionais de saúde e a população brasileira sobre os graves riscos associados ao uso de medicamentos injetáveis de origem alternativa ou manipulados para tratar obesidade e diabetes mellitus.** Esses medicamentos são análogos ao GLP-1 e GIP, como a semaglutida (Ozempic® e Wegovy®, da Novo Nordisk) e a tirzepatida (Mounjaro® e Zepbound, da Eli Lilly), cujos compostos originais são de alta complexidade tecnológica, aprovados por agências reguladoras como a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e a *Food and Drug Administration (FDA).*”

“Esses medicamentos proteicos exigem processos rigorosos de fabricação para assegurar que o organismo utilize e metabolize a substância de forma eficaz e segura. Essas moléculas são administradas por injeções subcutâneas, o que demanda padrões adequados de esterilidade e estabilidade térmica.”

“O uso de versões alternativas ou manipuladas dessas moléculas tem se tornado uma prática crescente, preocupante e perigosa, carecendo de bases científicas e regulatórias que garantam a eficácia, a segurança, a pureza e a estabilidade do produto, **expondo os usuários a sérios riscos à saúde, pois não passam pelos testes de bioequivalência necessários, tornando impossível prever seus efeitos no corpo humano.**”

Relatos da FDA documentam problemas graves de administração em versões alternativas ou manipuladas, com doses superiores ou inferiores às recomendadas, contaminações e substituição por outros compostos.

A semaglutida e a tirzepatida alternativas ou manipuladas são frequentemente divulgadas como opções mais acessíveis e igualmente eficazes, o que é uma falsa promessa.

A comercialização direta dessas medicações alternativas ou manipuladas por profissionais de saúde em consultórios configura uma prática contrária ao Código de Ética Médica, ferindo a confiança da relação médico-paciente. Versões vendidas em sites, redes sociais ou por WhatsApp também aumentam o risco de adulteração, contaminação e ineficácia por desestabilização térmica.

Dra. Cláudia Braga
Endocrinologista